

I. Caracterização geo-ambiental

I.1 Âmbito geográfico

Para a presente tese de mestrado, a área de estudo proposta abrange os concelhos de Sertã, Oleiros, Proença-a-Nova, Vila de Rei, Mação, Sardoal e a parte norte dos concelhos de Abrantes, Constância e Gavião (freguesia de Belver). Esta área, denominada Zona do Pinhal Sul, é delimitada orograficamente pelo rio Zêzere, a ocidente e a norte, o rio Tejo, a sul, e rio Ocreza e ribeira de Alvito, a nascente, acompanhando grosseiramente os limites dos concelhos de Oleiros e Proença-a-Nova. Abrange ainda uma pequena franja da freguesia de Sarzedas (concelho de Castelo Branco), encaixada entre os concelhos de Oleiros e Proença-a-Nova (Fig. 1-6).

Os concelhos de Sertã, Oleiros e Proença-a-Nova pertencem administrativamente ao distrito de Castelo Branco, a freguesia de Belver (Gavião) ao distrito de Portalegre, sendo os restantes pertença do distrito de Santarém (Fig. 1). Em termos geomorfológicos não existem grandes diferenças entre os três distritos como abaixo se poderá verificar.

A zona apresenta uma área de 2500 km² e representa uma das regiões mais mal conhecidas do País, em termos arqueológicos, em todas as temáticas.

Para além destes limites, são ainda incluídas estações periféricas que se tornaram relevantes para o estudo em questão. No caso da Idade do Ferro, não fazia sentido referir os castros da margem esquerda do Zêzere e não referir os da outra margem. No caso das vias romanas, será importante referir que foram cartografadas algumas das estações arqueológicas que se situam para além do Zêzere, do Tejo e do Ocreza, para uma compreensão mais global do problema.

Em termos operativos designaremos **área ocidental** a área correspondente aos concelhos de Sertã e Vila de Rei, **área oriental** os concelhos de Oleiros e Proença-a-Nova e **área sul** os concelhos de Constância, Abrantes, Sardoal, Mação e Gavião.

I.2 Geomorfologia

A zona compreendida entre o rio Zêzere (a ocidente), o rio Ocreza (a oriente) e o rio Tejo (a sul) é, do ponto de vista geológico, pertencente ao Maciço Antigo, onde predominam os xistos argilosos, gneisses, grauvaques e quartzitos. Nalguns casos, afloram pequenas manchas de granitos, como a que abrange Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, cortada pelo Zêzere, ou as pequenas manchas junto ao Tejo (Rio de Moinhos). Na área do Sardoal, observam-se alguns calcários. Ao longo dos rios Zêzere e Ocreza e nas ribeiras de Codes e Eiras e seus afluentes, observam-se terraços fluviais com minerais, cuja importância na economia dos povos indígenas, e posteriormente, dos romanos, poderá ter tido alguma importância.

Trata-se de uma área muito montanhosa, profundamente recortada por ribeiras e ribeiros. Estes, correndo em vales encaixados e meandriformes, apresentam sempre água mesmo em épocas estivais.

As grandes serras são predominantes na parte norte e nordeste da área, apresentando algumas de média altitude no centro e parte oriental. A parte sul da área é menos montanhosa mas muito ondulada; em consequência, as altitudes são menores.

Apresentadas de norte para sul e por concelhos temos, assim, no concelho de Oleiros, a Serra do Muradal, com altitudes na ordem dos 912, 888, 861 e 838 m, a Serra de Alvelos, com altitudes de 970, 965, 904, 895 e 866 m, e a Serra das Mogueiras, com altitudes de 820 e 712 m.

Abrangendo parte do concelho da Sertã e o de Oleiros situa-se a Serra do Cabeço Raínho, com as altitudes de 1084, 1080, 1071, 1039, 957, 918 e 833 m e a sua continuação para sudoeste (Serra do Figueiredo, concelho da Sertã), com as altitudes de 895, 828 e 586 m; no resto do concelho da Sertã, as altitudes rondam os 300 m com excepção da Serra da Mendeira (junto ao Zêzere) com altitudes de 484, 452 e 389 m.

No concelho de Proença-a-Nova, embora existam alguns picos importantes (954, 904, 866 e 726 m), destaca-se a Serra de Montes da Senhora, com altitudes de 614 e 524 m; na metade inferior do concelho as altitudes rondam a média dos 400 m.

Atravessando a área na diagonal e no centro dela, existem duas cadeias montanhosas seguidas que se estendem do concelho de Vila de Rei, das cercanias do rio Zêzere ao concelho de Mação até à junção da ribeira da Pracana com o rio Ocreza. Tomam a designação de Serra do Aivado, Serra da Melriça, Serra da Amêndoa e Serra da Galega, com as altitudes de 463, 453, 477, 493, 511 e 549 m (Serra do Aivado), 591 e 523 m (Serra da Melriça), 498, 507, 509 e 467 m (Serra da Amêndoa) e 446, 430, 383 e 349 m (Serra da Galega).

Paralela a estas últimas, um pouco mais a sul e no concelho de Mação, existem ainda a Serra do Bando e a Serra de Envendos, seguidas uma à outra. Apresentam as altitudes de 609, 602 e 643 m e 435 e 414 m, respectivamente; o resto do concelho apresenta médias de 300 m e, junto ao Tejo, de 200 m.

O concelho de Abrantes apresenta médias de 400/300 m na parte norte e vai descendo gradualmente para o Tejo até atingir os 100 m. As zonas marginais ao rio rondam os 50 m.

O concelho de Constância apresenta altitudes médias de 200 m a norte, descendo para os 50/30 m junto ao Tejo.

1.3 Hidrologia

Como área montanhosa que é, apresenta-se profundamente recortada por ribeiros e ribeiras de perfil meandriforme que quase não secam no Verão. Porém, como correm em vales encaixados, de perfil em V, não apresentam margens suficientes para a prática da agricultura, embora em alguns locais se possam observar nateiros, laboriosamente construídos para aí se praticar alguma agricultura de subsistência.

A grande excepção é constituída pelas margens do rio Tejo, por motivos óbvios.

Os grandes cursos de água da área em estudo são constituídos pelos afluentes da margem esquerda do rio Zêzere e margem direita do rio Tejo.

A ribeira da Sertã nasce na Serra do Muradal e corre para sudoeste em direcção ao Zêzere; as ribeiras da Isna e da Tamolha (afluentes da anterior) nascem na Serra do Cabeço Raínho, tomam a mesma direcção e desaguam no mesmo rio. A ribeira de Codes nasce na Serra do Bando e corre para oeste, vindo desaguar no Zêzere.

Na parte oriental, a ribeira do Alvito nasce na Serra do Muradal e desagua no rio Ocreza que, por sua vez, desagua no rio Tejo, a sul; recebe ainda a ribeira da Pracana que nasce a norte, perto de Cardigos.

As restantes ribeiras correm para sul, para o Tejo; entre as mais importantes destacam-se as ribeiras de Eiras que nasce na Serra do Bando, a ribeira das Boas Eiras que nasce no lado

ocidental da Serra do Bando e a ribeira de Arcês que nasce na parte norte do concelho de Abrantes.

Para além destas que são as mais compridas, existe uma enorme quantidade de pequenas ribeiras que sulcam toda a área.

1.4 Coberto vegetal

A região em estudo apresenta-se hoje coberta com um enorme manto de pinheiro bravo, daí ser denominada a sub-região do Pinhal Interior Sul. Em vários concelhos, a mancha de pinheiro bravo começa a ser substituída por eucalipto por ser mais rentável.

Aqui e além vêem-se ainda resquícios de uma floresta mais primitiva, composta por carvalhos, castanheiros, azinheiras e pinheiro manso. O coberto arbustivo é composto por urze, carqueja, giesta, carrasco, esteva e medronheiro, que cobre a camada esquelética do xisto.

É sabido que a introdução do pinheiro bravo se fez, essencialmente, a partir da Idade Média. Nesta região, a sua introdução é ainda mais recente, pelo menos, nalgumas zonas mais montanhosas. Outras, devido à altimetria, não são propícias ao desenvolvimento do pinheiro bravo; está nesta situação a Serra do Cabeço Raínho que, com a sua altitude acima dos 1000 m, apenas vê crescer a mancha arbustiva. Nesta serra, é frequente a queda de neve, nos meses de Inverno.

Como seria a cobertura vegetal desta região na proto-história e durante a época romana? São escassos os dados palinológicos resultantes de escavações arqueológicas na região que nos possam dar uma descrição de como seria o coberto vegetal desta zona montanhosa. Apesar de se terem recolhido terras para efectuar estudos de sementes e pólenes nos castros de Cerro do Castelo (Vila de Rei), Santa Maria Madalena e Nossa Senhora da Confiança (Sertã) e mais recentemente no castro de Nossa Senhora dos Milagres (Pedrógão Grande), esse estudo ainda não foi efectuado. Os poucos dados que existem foram recolhidos na Serra da Estrela (cerca de 40 km a norte desta área) e a este, na Beira Interior (escavações da Dra. Raquel Vilaça), mais ou menos à mesma distância.

As fontes clássicas referem que os povos indígenas faziam um pão à base de bolota, o que nos aponta para a existência de carvalhos, durante a Idade do Ferro/Romano. Estes já existiam na região no Bronze Final (Vilaça, 1995, p. 369) e nas escavações arqueológicas do castro de Santa Maria Madalena (Sertã), em 1997, foram achadas algumas bolotas calcinadas, provavelmente em contexto da II Idade do Ferro (Batata, 1998, p. 30).

Para além dos carvalhos, a mesma investigadora (Vilaça, 1995, p. 369-371) dá-nos conta da existência, entre as árvores, de escassos pinheiros, sobreiros e azinheiras; entre as herbáceas e nas arbustivas foi detectada a presença de fetos, cevada, esteva, urze, lentisco bastardo, medronheiro, carrasqueiro, giesta e codeço.

1.5 Mineralogia

O rio Zêzere atravessa, no seu curso superior, regiões xistosas e quartzíticas ricas em chumbo e zinco, como foi observado por Décio Thadeu (1951, p. 71-81), em várias minas (Minas da Panasqueira, p.e.) e filões diversos em diversas zonas. Está também atestada a exploração do estanho de aluvião, nomeadamente na zona de Belmonte (Allan, 1965, p. 19). Lautensach refere para a área meridional da área em estudo, filões de quartzo aurífero e chumbo e zinco para a área setentrional.

Ao longo do Zêzere, Tejo e Ocreza e algumas ribeiras que desaguam nestes rios, existem terraços fluviais terciários e quaternários, em que o ouro apresenta, por vezes, teores interessantes. A leste, Raquel Vilaça (1995, p. 2) apresenta também um mapa com as principais ocorrências minerais. Apesar de não existirem mapas geológicos pormenorizados sobre a ocorrência de minerais na *área ocidental* e *área sul*, dado as características geológicas serem iguais (xistos argilosos da Beira Baixa), é de supor que sejam do mesmo tipo. A comprovar isso está a localização de várias minas que poderão ser de estanho ou chumbo e de ouro (cf. capítulo sobre a mineração).